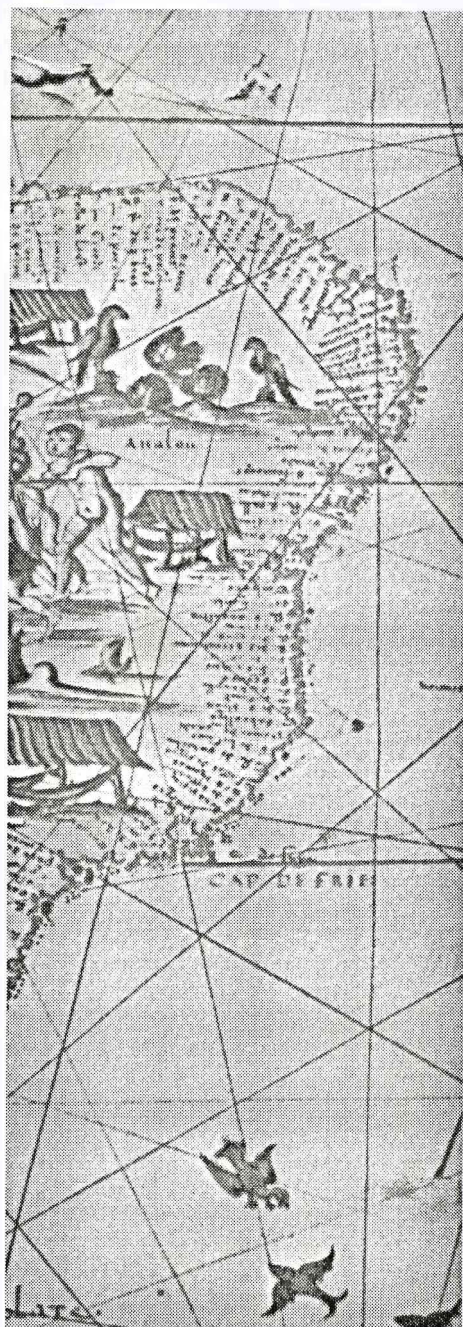


Francisco Fernandes Marinho

**A PRAIA DA PIPA
NA CARTOGRAFIA
DOS SÉCULOS XVI E XVII**

Natal, 2007

*Francisco Fernandes
Marinho*



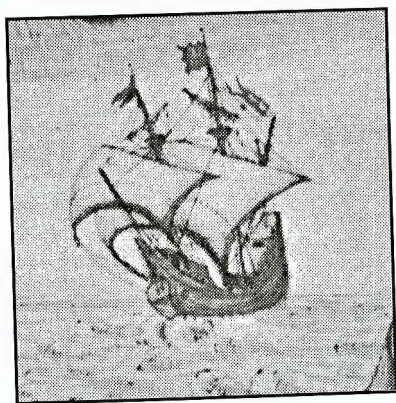
A PRAIA DA PIPA NA CARTOGRAFIA DOS SÉCULOS XVI E XVII

Natal, 2007

SUMÁRIO

Introdução	05
Capítulo I - O Século XVI: dos Reinel a Theodoro de Bry	13
Capítulo II - O Século XVII: de Wilhelm J. Blaeuw a Gerard Walk	21
Conclusão.....	29
Bibliografia	35

INTRODUÇÃO





“Terra Brasilis”, de Lopo Homem, 1519: “Oratapiy” (Atlas de Miller - Biblioteca Nacional de Paris).



“América Meridional”, de Pierre Desceliers, 1550: “Oratapica” (Museu Britânico - Londres).

No início do século XVI, os historiadores relatam poucos acontecimentos referentes às terras do Rio Grande ou do Potengi, com exceção de informações constantes na carta sobre a terceira viagem de Américo Vespúcio, que passou para a história como a expedição exploradora de 1501, e que chantou, na praia de Touros, um marco de mármore de Lisboa, ou pedra-lioz, ritualmente empregado nas cerimônias de posse das terras pertencentes ao “*sereníssimo rei Dom Manuel de Portugal*”¹.

Mas, mesmo antes do “descobrimento” oficial do Brasil por Pedro Álvares Cabral, em 1500, as terras do atual Estado do Rio Grande do Norte já eram conhecidas pelos espanhóis, através das expedições de Afonso de Hojeda, no ano de 1499; de Vicente Yañez Pinzón, na altura de um cabo que foi denominado “Santa Maria de La Consolación”, possivelmente, o Cabo de Santo Agostinho, e Diogo de Lepe (Diogo Rodrigues), que logo depois chegava à região, zarpando do Rio de Saltes, com duas caravelas, como capitão e comandando cinquenta ou sessenta tripulantes, tanto que o Planisfério de La Cosa, do início de outubro de 1500, registrou o contorno e acidentes topográficos considerados norte-rio-grandenses, como a Foz do Rio Açu, a Ponta do Tubarão, o Morro de Tibau.

Pinzón, em janeiro de 1500, antecedeu a Cabral ao tocar a Ponta do Calcanhar, como afirma o Barão do Rio Branco, pois, logo após a viagem com Cristóvão Colombo, comandando a nau “Santa Maria”, na jornada do descobrimento da América, em 03 de outubro de 1492, conseguiu da Casa de Contratación “*una Capitulación*” para descobrir, zarpando do Porto de Palos, em princípios de dezembro de 1499.

A esquadra composta pelas embarcações “Frayle”, “Pinta”, “Nina” e “La Gorda”, e tendo como tripulação Vicente Yañez Pinzón, capitão

¹ VESPÚCIO, Américo. Carta a Piero Soderini sobre a Terceira Viagem, a serviço do Rei de Portugal, no período de 13.05.1501 a 07.09.1502.

chefe, os sobrinhos Arias Perez e Diogo Fernandez, e Antón Hernandez Colmenero, capitães, Juan de Quintero, Juan de Úmbria e Juan de Xerez, pilotos, Garcia Fernandez, físico-médico, subalternos e quatro escrivães régios, conforme relação das “*Probanzas del Fiscal y del Almirante*” (1508/1527), alcançou, no dia 02 de fevereiro de 1500, um cabo no continente sul-americano, o qual denominou “*Santa Maria de la Consolación*”.

Afirma Castelo Branco que “*nesse traçado, o cartógrafo deu apelido a cinco acidentes topográficos considerados norte-rio-grandenses, do ocidente para o oriente: 1) ‘montes arenosos’ - correspondentes ao morro de Tibau e outros a oeste; 2) ‘r. de baziabariles’ - à foz do Açú; 3) ‘praia de arena’ - à ponta do Tubarão; 4) ‘p. fermosa’ - à ponta de Três Irmãos; 5) ‘R’. S - (não se podendo ler o resto do nome por haver aí um rombo no mapa). Talvez seja o ‘rio S. Julian a que se referem os tripulantes da expedição no processo chamado ‘Probanzas’*”².

Entre 1505 e 1515, ocorreram várias expedições às costas das terras potiguaras. Inicialmente, até prova em contrário, merece destaque a de que fizeram parte os cartógrafos Pedro e Jorge Reinel, pai e filho, que desenharam duas cartas geográficas fazendo referências às terras da atual Praia da Pipa. Nesses primeiros mapas apareceram, inicialmente, topônimos da língua Tupi, como “**Oratapipy**”, por Reinel, o pai, e “**Ora tapia**”, por Reinel, o filho, que lembram a “**Aratapia**”, de João de Lisboa, na “tabula” denominada “Alturas da Costa do Brasil”, de 1514.

Mesmo antes da Carta de Doação da Capitania do Rio Grande, por Dom João III, a João de Barros e Aires da Cunha, em 08 de março de 1535, as terras referentes à Praia da Pipa já figuravam em cartas, mapas, regimento, dos portulanos, como os já citados “Alturas da Costa do Brasil”,

² Cf. CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão. O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVI. Revista do IHGRN, XLV-XLVII, de 1948 a 1950, 1950, pp. 21/50.

de João de Lisboa, datado de 1514; os Mapas dos Reinel, de 1516; e o Regimento de Évora, de 1516; o Mapa de Lopo Homem, de 1519, e a Carta de Gaspar Viegas, de 1534.

A partir da década de 40 do século XVI até o início da década de 60 do século XVII, prolifera uma grande quantidade de informações referentes ao espaço geográfico que viria a ser denominado de Praia da Pipa, com topônimos diferentes, nos mais variados mapas, como por exemplo: “Oratapic”, “Orataphica”, “Oratapica”, “Orapi”, “Ora”, “Itacoatisara”, “Arapita”, “Itacoatigara”, “Pipa”, “Tocoati”, “Ponta da Pipa”, “Itacoatiara”, “Itacoagara”, “Itacoytiaca”, “Orothapica”, “P. da Pipa”, “Pta. da Pipa”, “Porto da Pipa”, “Tapuya paraçoitapa” ou “Pta. da Pipa”, “Ens. Itacoatiara”, entre outros.

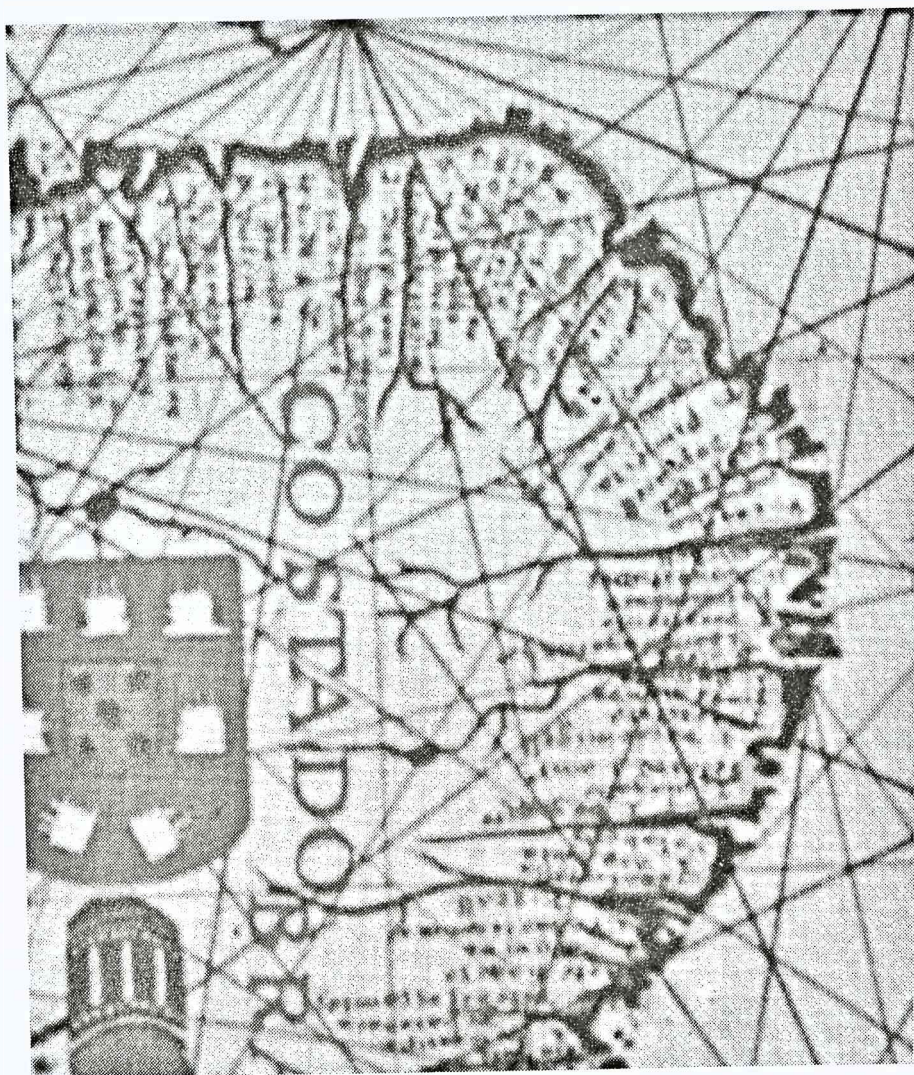
No primeiro capítulo procuramos fazer um estudo sobre as informações constantes nos mapas referentes ao Século XVI, tentando esclarecer, na medida do possível, informações desconhecidas e muitas das quais, em sua grande maioria, descartadas. Percebemos que neste século, portugueses e espanhóis, holandeses e flamengos compartilhavam a hegemonia do Século de Ouro da Cartografia e Gerardus Mercator ou Cremer, nascido em Flandres, em 1515, e Abraham Ortelz ou Ortelio, nascido na Antuérpia, em 1527, passaram para a história como os mais peritos cartógrafos flamengos, promotores de uma verdadeira revolução na cartografia.

Seguindo o caminho trilhado pela família dos “Reinel” e dos “Homem”, além da grande plêiade de cartógrafos portugueses, podemos destacar a família dos “Teixeira”: Pero Fernandes, Domingo, Luís, Pedro de Lemos, João e Pedro Teixeira Albernaz, que fecharam o século XVI e iniciaram a primeira metade do Século XVII, com observações de suas próprias viagens. Os filhos do Luís Teixeira, o primeiro a usar o topônimo “Itacoatisara”, em 1574, João e Pedro, navegaram até às costas do Brasil, e fizeram constar em todos os Atlas, desenhados entre 1626 e 1631, o topônimo “Itacoatiara”, com variações desinenciais, além de outros

Capítulo I

O SÉCULO XVI: dos Reinel a Theodoro de Bry





“Costa do Brasil”, de Vaz Dourado, 1571.

As primeiras informações sobre a toponímia referente às terras da atual Praia da Pipa surgiram por volta de 1514, com o topônimo “**Aratapia**”³, de João de Lisboa, na “tabula” denominada “Alturas da Costa do Brasil”, constante no Livro de Marinharia, colocado entre “Sam Domingos” e “Sam Roque”.

João de Lisboa, piloto português, cujo nome se encontra fixado no topônimo de um curso de água situado um pouco a Oeste do golfo maranhense, a 15 léguas da ponta sudeste do rio do Maranhão, figura nas cartas geográficas antigas durante mais de um século, desde os Reinels, mapa de 1516, até Jonghe, em 1640.

Como podemos perceber, o reconhecimento da costa do Brasil, em 1514, já apresentava grande progresso tanto para o norte ou “Costa Leste-Oeste”, quanto em direção ao Rio da Prata.

Segundo Castelo Branco, de 1505 a 1515, deve ter havido várias explorações portuguesas em mares e costas do Nordeste Brasileiro, para que se possam explicar as novas denominações introduzidas nas cartas geográficas dos Reinels, pai e filho, desenhadas por volta de 1516. Os Reinels, Pedro e Jorge, trabalharam juntos, em Lisboa, até 1519⁴, e são os autores de dois mapas publicados um em Paris e o outro na Itália, com dados geográficos colhidos nas explorações feitas entre 1505 e 1515. Além de prestarem serviços aos Reis portugueses, e trabalharem para a Corte espanhola, colaboraram em importantes obras cartográficas, sobretudo na maioria dos mapas do Atlas de Miller e nos projetos de circunavegação de Fernão de Magalhães.

Com referência ao litoral do Rio Grande, encontram-se, nos Reinels, as seguintes denominações: “as serras” ou “as serras Sam Miguel”, “R.: de Sam Myguel”; “baia das Tarrugas”, ou “baia das Tartarugas”, a “ponta P’rmra” ou “Ponta Primeira”; “Sam Roque”; “C. do Pracer”; “**Oratapipy**”,

³ JOÃO de Lisboa. Livro de Marinharia, pp. 88 e 89.

⁴ CASTELO BRANCO. Op. cit., p. 32.

por Reinel, o pai, e “**Ora tapia**”, por Reinel, o filho, que lembram a Aratapia, de João de Lisboa, “Ora pinhon” e “baia de Piticiacua ou de Treycam” ou “baia da Treiçam”.

Após fazer uma correspondência com os topônimos já existentes, Castelo Branco concluiu que “**Oratapipy**” e “**Ora tapia**” surgem pela primeira vez, sendo tidas como a atual “**Ponta da Pipa**”, vindo em seguida “Ora pinhon” considerada a expressão como designativo da ponta de Bacopari⁵.

Em 1516⁶, inicia-se, através do Regimento de Évora, a descrição dos topônimos a partir da “Baia de Todos os Santos”, e entre “São Domingos” e a “Costa de San Roque” ou “São Roque”, colocou “**Aratapica**”, o mesmo topônimo usado, a partir de 1542, por Jean Rotz, Pierre Desceliers, Diogo Homem, Jacques de Vandeclaye.

Os portugueses, antes dos Reinel, pouco conheciam sobre as costas brasileiras; de início, apenas alguns nomes. Os primeiros topônimos indígenas surgiram, inicialmente, na Tabula de João de Lisboa, e nos mapas dos Reinel, lembrados cinco a sete décadas mais tarde, por Jean Rotz e Desceliers.

Na coleção de mapas conhecida como “Atlas de Miller”, existente na Biblioteca Nacional de Paris, encontra-se o mapa denominado “Terra Brasilis”, feito à mão sobre pergaminho, atribuído a Lopo Homem, que o desenhou por volta de 1519. Constam 146 topônimos da costa brasileira, desde o Maranhão até a embocadura do Rio da Prata e com relação às terras da Praia da Pipa, o autor parece ter copiado Reinel, o pai, repetindo o topônimo “**Oratapipy**”.

Um documento de suma importância para a cartografia norte-rio-grandense é o “Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532)”. Trata-se de um texto preparado, enriquecido de notas e editado

⁵ Idem. Idem, p. 34.

⁶ ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. Os Guias Náuticos de Munique e Évora, p. 11.

por Varnhagen, sob o título “Diário da Navegação da armada que foi à terra do Brasil em 1530 ...”, publicado em Lisboa, em 1839, e proveniente de três cópias do documento original, em manuscrito, existente na Biblioteca da Ajuda. Muito embora não faça parte da cartografia, por ser a relação do itinerário relativo à viagem de Martim Afonso de Sousa ao Brasil, atribuído ao seu irmão Pero Lopes de Sousa que foi o Capitão de um dos navios da armada de Martim Afonso, a 3 de Dezembro de 1530, confirma pontos já referenciados em mapas que estavam sendo desenhados na mesma época.

No Capítulo Primeiro, denominado “A Arte de navegar e os tipos dos navios na expedição de 1530”, afirma o autor do Diário que “(…). *A parte do litoral brasileiro entre Pernambuco e o então dito rio de Maranhão dos portugueses, (...). Prosseguindo na viagem pela costa, ainda aí poderíamos ver e identificar os seguintes pontos da cartografia quinhentista: rio das Virtudes (rio Goiana?); rio das Pedras, se não o mesmo Goiana pelos portulanos Reinell, Viegas, Turim, Maggiolo, pelo reconhecimento de Caboto em 1526 o futuro Paraíba do Norte pouco depois também chamado Sam Domingos; cabo Spichell, (cabo Branco); a baía (de pitiaçua) de treyçam (baía da Traição), ou talvez melhor explicando: onde o pitiguar cometeu traição. Em linguagem truncada também veríamos: Oratipipy (Reinell) ou Oratapica (Viegas), ou a ponta da Pipa; sam-roque, (cabo de São Roque), ao início dos descobrimentos posto em traçado de pouca semelhança com o desenhado nas cartas modernas; (...)*”⁷.

Em 1534 apareceu a bela carta de Gaspar Viegas, traçada um ano após o regresso de Martim Afonso de Sousa a Lisboa, assinada e datada do mês de outubro, apresentando os seguintes topônimos: “serras de s. migel”, “b. das tartarugas”, “pta pma”, “grã baia”, “pôta do parcell”, “c. de

⁷ Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532), 2ª edição, pp. 54/55. Ver: RN, pp. 55 - 147/148.

s. roque” e entre este e “b. da treicam” o topônimo “**Oratapica**”⁸, enquanto Jean Rotz, em 1542, registrou “R. S. Miguel”, “Q. de S. Roque”, onde a costa muda de direção, pelo que deve estar no lugar do Calcanhar; “C. Parcel”, no lugar daquele; e “**Oratapic**”, recordando a “Oratapipy” de Reinell.

Oito anos depois, em 1550, o mapa de Desceliers, assinalou “Serra de S. Miguel”, “P. das Tartarugas”, a “p. Prima”, “grande baya”, “Parcel”, “Rock”, “c. du Parcel”, “**Oratapica**”, que devem corresponder, respectivamente, à Serra do Apodi, enseada do Açú, ponta do Tubarão, enseada de Aguamaré, ponta do Calcanhar, costa anterior ao cabo de S. Roque, este cabo e **Ponta da Pipa** ou de Bacopari⁹.

Diogo Homem, em seu mapa, datado de 1558, repetiu o topônimo “**Oratapica**” de Jean Rotz e inverteu a ordem já estabelecida pelos cartógrafos anteriores grafando do Norte para o Sul, “R. de S. Domingos”, “R. S. Miguel”, “R. das Pedras”, (...) e “**Oratapica**” e no segundo mapa, datado de 1568, “b. das Tartarugas”, “P. Primeira”, “b. Aparcelada”, “eira de S. Roque”, “Orapi” e “**Oratapica**”¹⁰.

O topônimo “**Oratapica**”, reduzido como “**Ora**”, apareceu em 1569, no mapa de Gerardus Mercator ou Cremer, e reapareceu, quase que em imitação, por Abraham Ortelz ou Ortellio, no mapa desenhado entre 1570 e 1584, e no de Theodoro de Bry, em 1592.

Observamos, como o fez Castelo Branco, que já se estava iniciando a segunda metade do século e o contato com os gentios pouco transparecia nos mapas. *“Para o norte do Potengi, o vocabulário mantinha-se europeu e ao sul apenas duas palavras tupis surgiram, esporadicamente, desde os Reinell: ‘Oratapipy’, ‘Ora tapia’, ‘Oratapic’, ‘Oratapica’, ‘Ora’ e ‘Ora pinhon’, correspondendo,*

⁸ Carta existente na Biblioteca Nacional de Paris.

⁹ CASTELO BRANCO. Idem, p. 37.

¹⁰ Ibidem, p. 37.

*respectivamente, às pontas da Pipa e de Bacopari, segundo a interpretação de alguns estudiosos e a posição dessas línguas na terra”*¹¹.

Afirma Cortesão que em “cerca de 1574, como dissemos, um dos melhores cartógrafos portugueses, Luís Teixeira, percorria demoradamente por ordem régia o litoral brasileiro para reformar a carta respectiva. Data de então o primeiro Atlas de geografia, do qual resta apenas um resumo a que chamamos Roteiro-Atlas”¹².

A carta a que se refere Cortesão é um “Atlas” de Luís Teixeira, do qual se conhece uma outra carta, que foi publicada com o “Roteiro da Navegação”, de Gaspar Ferreira Reimão, em 1640.

No “Mapa do Brasil dividido em Capitanias” ou “Capitanias Hereditárias”, existente na Biblioteca da Ajuda, organizado, talvez, em 1574, por Luís Teixeira, pai do cartógrafo João Teixeira Albernaz, foram consignados os seguintes topônimos: “C. de S. Roque”, “r. Sua guazine”, “po. dos fumos”, “C. corce”, “R. de S. Miguele”, “P. Primera”, “B. das Tartarugas”, “Tabatinba”, “R. Camarative”, “**Itacoatiasara**” e “B. da Treicam”¹³.

De acordo com Castelo Branco, o rio São Miguel acha-se a 4’ 30”, a ponta Primeira a 4’ 50”, a baía das Tartarugas próximo a 5’, Tabatinga a 5’ 35”, “**Itacoatisara**” a 6’ e baía da Traição a 6’ 20”, situações essas não mui longe das verdadeiras. Apenas o “Camarative”, que deve ser o atual Camaratiba, foi transferido para o norte de **Itacoatisara** que corresponde, na disposição de Gabriel Soares, a **Ponta da Pipa**, quando deveria ficar ao sul.¹⁴

¹¹ Idem. Idem, p. 49.

¹² CORTESÃO, Jaime. História do Brasil nos Velhos Mapas, II, p. 6.

¹³ CASTELO BRANCO. Idem, p. 39.

¹⁴ Ibidem, p. 39.

Aceitando a opinião de Castelo Branco, que se subtraindo o “I” inicial e as desinências “sara”, “gara” e “aca” sobeja a palavra “**Itacoytî**” ou “**Itacoati**”, muito aproximada de “**Tocoati**” grafada pelo flamengo Blaeuw (1571-1638), que, como os seus compatriotas, alterava constantemente a prosódia e a ortografia adotadas pelos lusitanos.

No Mapa do normando Jacques de Vaul, de Claye ou Vaudeclaye, feito em Dieppe, em 1579, em maior escala do que os precedentes, com a costa norte-rio-grandense melhor traçada, do Rio Real ao Maranhão, antes de chegar a 7° de latitude S., aparece o topônimo “**Arapita**” que lembra os antigos topônimos, desde João de Lisboa e os Reinél até a nova denominação registrada por Luís Teixeira.

No “*Roteiro Geral com largas informações de toda a Costa do Brasil*”, de 1587, embora não fazendo parte da cartografia, elemento do nosso estudo, achamos importante frisar que Gabriel Soares de Sousa, no Capítulo X, intitulado “*Em que se declara a terra e costa do porto dos Búzios até a baía da Traição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania*”, tanto usou o topônimo “**Itacoatigara**”, quanto o “**ponta da Pipa**”, afirmando que “*Do porto dos Búzios a Itacoatigara são nove léguas, e este rio se chama deste nome por estar em uma ponta dele uma pedra de feição de pipa como ilha, a que o gentio por este respeito pôs este nome, que quer dizer ponta da Pipa; mas o próprio nome do rio é Garatuí, o qual está em altura de seis graus. Entre esta ponta e o porto dos Búzios está a enseada de Tabatinga, onde também há surgidouro e abrigada para navios em que detrás da ponta costumavam ancorar naus francesas e fazer sua carga de pau de tinta. De Itacoatigara ao rio de Guaramataí são duas léguas,...*”¹⁵.

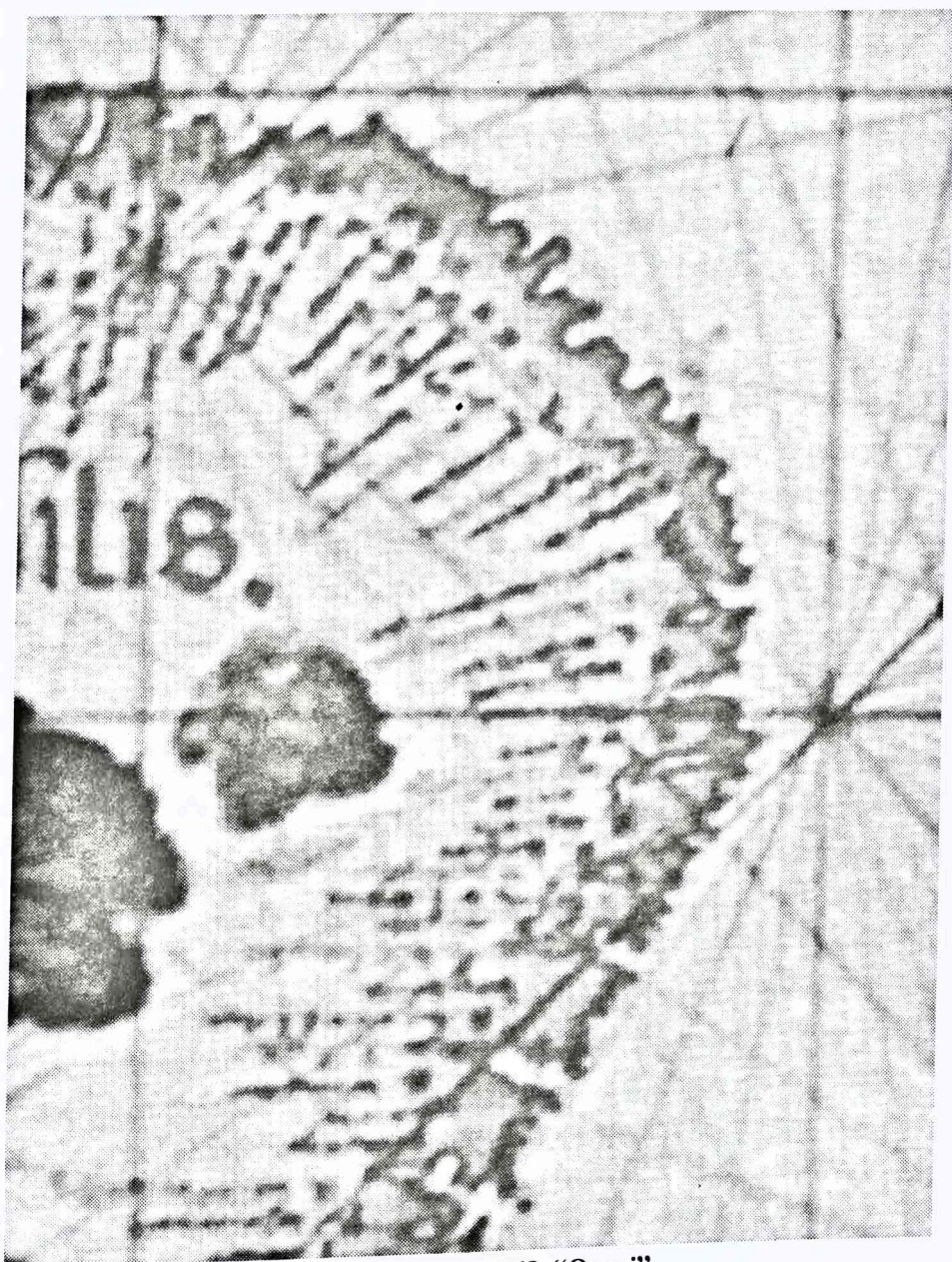
Em 1592, última década do século XVI, reapareceu, como já registrado em vários outros cartógrafos, o topônimo “**Ora**”, no Mapa do gravador e pintor flamengo Theodoro de Bry.

¹⁵ SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*, 1974, p. 12.

Capítulo II

O SÉCULO XVII: de Wilhelm J. Blaeuw a Gerard Walk





“América do Sul” (II), de Diogo Homem, 1568: “Orapi”.

No início do século XVII, as terras do Rio Grande encontravam-se mais enriquecidas de topônimos. Alguns episódios importantes contribuíram para tal feito, como a construção da Fortaleza da Barra do Rio Grande ou Forte dos Reis Magos, a fundação da Cidade do Natal, a concessão das sesmarias, o início do povoamento, a exploração de engenhos, de madeiras, etc.

Já no primeiro decênio, os Atlas holandeses, com melhor desenho cartográfico e artística decoração, foram criados pelas famílias dos Blaeuw e dos Jansson, embora os primeiros cartógrafos tenham sido Mercator, por volta de 1625, e Jodocus Hondius que, em 1600, forneceu um novo Atlas.

Apareceram os mapas de W. J. Blaeuw, com 12 volumes, em 1605, onde o autor consignou o topônimo “**Tocoati**”, entre a “B. Parcelada” e “**Orataphica**” que talvez, segundo Castelo Branco, “corresponde a “**Itacoatisara**”, do Mapa de Luís Teixeira, (1574), “**Itacoatigara**” do roteiro de Gabriel Soares (1587) e “**Itacoytiaca**” do mapa de João Teixeira de Albernaz (1631) localizadas na mesma região¹⁶.

O Atlas existente na Biblioteca Municipal do Porto, que tem por título “*Rezão do Estado do Brasil no Guoverno do Norte Somete, asi como o teve Dõ Diogo de Menezes até o anno de 1612*”, mandado organizar pelo próprio Dom Diogo de Menezes, por volta de 1613, foi traçado por João Teixeira, e o Livro “Rezão do Estado do Brasil”, empreendido por iniciativa do Governador, foi redigido pelo sargento-mor Diogo de Campos, contendo 17 mapas.

Para Varnhagen, “*O Livro Razão do Estado, ainda em grande parte inédito, é uma verdadeira estatística, respectiva ao ano de 1612, das oito capitanias, desde a de Porto Seguro para o norte, que vieram, logo depois, a contribuir com gente e recursos para a criação do novo*

¹⁶ CASTELO BRANCO. O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVII, in Revista do IHGRN, vols. XLVIII - XLIX, de 1951 a 1952, p. 31.

Estado do Maranhão, a respeito do qual já inclui algumas notícias. Das mencionadas oito capitanias dá conta dos limites, rendimentos, cultura, população, armamento e municiação”¹⁷.

O código existente no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, intitulado “Livro que dá Rezão do Estado do Brasil”, é muito mais completo, e “*se estende para além da ponta de Santo Antônio até o estreito de Magalhães e Terra do Fogo, e apresenta toda a suposta rede hidrográfica e sistema orográfico do Brasil*”¹⁸.

Tanto no Atlas da Biblioteca Municipal do Porto, quanto no Código do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, que se complementam, além da carta geral do Brasil intitulada “*Terra de Santa Cruz a que vulgarmente chamão Brasil*”, com cartas desenhadas e informações importantes para o conhecimento da costa do Estado do Brasil, encontramos a carta sobre a “Capitania do Rio Grande”, tendo no canto superior esquerdo o desenho de uma praça forte. Então, passamos a perceber, a partir desses Atlas, os notáveis avanços no litoral brasileiro, como também a existência de vários códigos, com títulos semelhantes.

O “*Novus Brasiliae Typus*”, gravado pelo holandês Jodocus Hondius, por volta de 1625, cujo clichê foi adquirido, posteriormente, por Blaeuw, que substituiu o nome do gravador pelo seu, ao longo do litoral assinalou entre as dezenas de nomes de acidentes geográficos, sempre em Português, o topônimo “**Ponta da Pipa**”.

O topônimo “**Itacoatigara**”, de Gabriel Soares, aparece corretamente grafado por João Teixeira Albernaz, como “**Itacoatiara**”, no Atlas de 1626, em uma ponta entre “Barreiras Vermelhas” e o “Marco Antigo”, e “**Itacoagara**”, no Atlas de 1627, entre as “Barreiras Vermelhas” e a “Ponta de Caysa” ou “Ponta de Calsa”. Este Atlas do Brasil, com 19 mapas, considerado como um belo conjunto, encontra-se conservado na Biblioteca Nacional de Paris.

¹⁷VARNHAGEN, Francisco Adolfo de [Visconde de Porto Seguro]. História Geral do Brasil. 8ª edição integral. Tomo II, 1975, p. 116.

¹⁸CORTESÃO, Jaime. Op. cit., p. 46.

Em “Descrição de toda a costa do Estado do Brasil”, de João Teixeira Albernaz, de capitania a capitania, no Atlas intitulado “Livro em que se mostra a descrição de toda a costa do Estado do Brasil e seus portos, barras e sondas delas. Feito por João Teixeira Albernaz, moço da Câmara de Sua Majestade e seu cosmógrafo. Em Lisboa. Ano de 1627”, consta a “Carta correspondente à Capitania do Rio Grande”. No canto superior esquerdo, encontra-se a descrição “Pranta do forte do Rio Grande” e no interior a “Aldeia de Antônio” e “Aldeia do Camarão” e ainda figuram a cidade de Rio Grande e várias construções que representam outras tantas fazendas ou currais, principalmente ao longo do “Rio Potigi”, seguindo-se “Toda a terra, que nesta carta se contém que é do Rio Grande até ao Rio Pereira que fica junto ao Maranhão descobriu o capitão-mor Pero Coelho de Souza desde do ano 1603 até o de 1608”.

Em 1631, surgiram vários mapas. No Atlas intitulado “Estado do Brasil”, ao qual se acrescentara “*coligido das mais certas notícias que pode ajuntar Dom Jerônimo de Ataíde, por João Teixeira Albernaz, cosmógrafo de sua Majestade. Ano de 1631*”, composto por 36 cartas coloridas, três se referem ao Rio Grande do Norte, a XXIX, intitulada “Carta da costa da Paraíba” (até a Ponta Negra); a XXX, “Carta do Rio Grande”, e a XXXI, “Carta do Rio Grande desde os Baixos de S. Roque até o R. Opanama”. Em referências às terras da Praia da Pipa, registrou o topônimo “**R. Itacoytiaca**”, recordando a “Itacoatiara” do “Mapa das Capitânicas”, de 1574, e do “Roteiro”, de Gabriel Soares, de 1587; e voltando ao mesmo topônimo no 3º Atlas, de 1631.

Nesse mesmo ano, W. Blaeuw ou Guilherme Janzoon Blaeuw publicou um “Atlas”, baseado em Abraham Ortelz e Mercator, em que se vê no mapa denominado “America Nova Tabula”, os acidentes geográficos dispostos na seguinte ordem: “R. de lande”, no lugar de Rio Grande, tendo ao Sul, “R. Primeiro”, “**Orothapica**” e ao Norte “S. Maria R.”, “R. del Placel”, “C. Blanco” “C Pracel”, “R dacuiz” e “R. dos “Fumos”¹⁹.

¹⁹CASTELO BRANCO. Idem (XVII), p. 50.

Enquanto no Mapa “Brazilia Tabula”, de 1634, da autoria de Christoph ab Artischav Arciszewesky, e executado por Blaeuw, apareceram os seguintes topônimos: “Goyjena”, “**P. da Pipa**”, “P. dos Touros”, “Potengi ó Rio Grande”, “R. Cenapohimiri”, etc., no de Nicolas Ianfz Visscher (1618-1674), denominado “Eyghentlijcke Af beeldinghe der Star Parayba”, de 1635, os seguintes acidentes topográficos: “B. da Treicaon”, numa enseada, “**Pta. da Pipa**”, numa angra, “Insa. Tambaiti”, um rio, “P. dos Touros”, “Potengi ó Rio Grãde”, sinal de cidade à direita, “R. Siara”, “R. Senapatumiri”, “R. Iacuahug”, “R. Jacuãhug”, maior este que os dois precedentes e todos desaguardo numa enseada; e “R. Piquitinga”, findando o mapa logo ao norte deste topônimo.²⁰

Em um outro Mapa de Albernaz, denominado “Descrição de todo o marítimo da Terra de Santa Cruz chamado vulgarmente BRASIL”, do ano de 1640, no final da descrição da carta referente a Paraíba observa que “...a Baya de trayção he boníssimo porto para muitas embarcaçoens daqui ate o Rio grande não tem porto notável”, e na descrição sobre o Rio Grande do Norte, afirma que *“O Rio grande he hum dos melhores de toda a costa do Brazil, tem na entrada da Barra seis braças de agoa & dentro em partes, oito & doze, tem na barra oitenta braças de largura: podem entrar & surgir neste Rio mtas. & grandes naos; da Barra até a cidade, haverá huma grande legoa & de frente da Cidade tem o Rio largura de 300 braças, esta em altura de cinco grãos, da qual corre a costa ao noroeste, 30 legoas, até huma Ponta da terra a que chamão Vassus: toda estas 30 legoas se navegação por hum canal que se faz entre a terá & os baixos de S. Roque, o qual Canal tem tres & quatro braças de fundo & de largo não duas legoa”*. Nesta carta João Teixeira deslocou o “**Porto da Pipa**” para entre o “Porto do Touro” e a “Ponta Negra”.

Johannes Vingboons, nos seus “Atlas”, datados entre 1640 e 1654, referentes ao período da ocupação holandesa no Brasil, registra o topônimo

²⁰ Ibidem, p. 50.

“**Pta. do Pippa**”, enquanto na Carta denominada “Marítima Brasiliae Universae”, de origem holandesa, feita por volta de 1643, reapareceu o topônimo “**Itacoatiara**”.

Voltando-se a atenção para o “Nova Totius terrarum orbis geographica ac hydrographica tabula”, em edição de Hondius e Jansson, com data de 1641, percebe-se a influência mercatoriana, pois Hondius, após a morte de Mercator, adquiriu as pranchetas e realizou várias edições dos Atlas. Neste mapa aparece o topônimo “**P. da Pipa**”, já constando em “Novus Brasiliae Typus”, gravado por Jodocus Hondius, por volta de 1625.

Na cartografia holandesa surgiu uma das cartas mais interessantes sobre o Brasil, intitulada *Brasiliae Geographica et Hydrographica Tabula Nova, Continens Praefecturas de Ciriji, cum Itapuama de Paranambuca, Itamaraca, Paraíba et potigi vel Rio Grande. Quam proprijs Observationibus ac dimensionibus, diuturna peregrinationi a se habitis, fundamentaliter superstruebat et delineabat Georgius Marggraphius, Germanus, ano Christi 1643*, o autor escreveu o topônimo “**Ens. Itacoatiara**”.

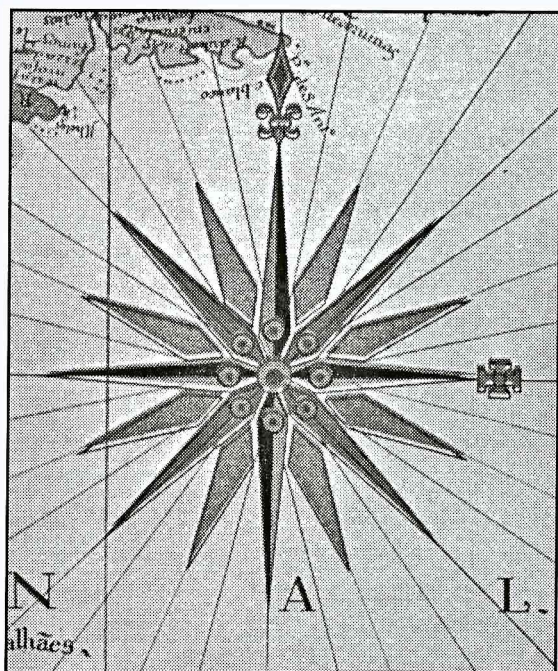
Observou o Barão do Rio Branco, após uma série de elogios, que “*ainda hoje, quem quer estudar a zona marítima desde o Rio Grande do Norte até Sergipe, encontra no mapa do ilustre Marcgraf valiosas indicações geográficas que debalde procuraria nas cartas portuguesas, mesmo as mais recentes, todas levantadas em escala muito menor*”²¹.

Gaspar Barléus intercalou, fragmentando a Tabula Nova de Marcgraf, em quatro cartas, para ilustrar o seu “Rerum Per Octennium in Brasília Historia”, publicado em Amsterdã, em 1647, após “Cobauna”, registrou os topônimos “**Tapuya paraçoitapa ou Pta. da Pipa**” e “**Ens. Itacoatiara**”.

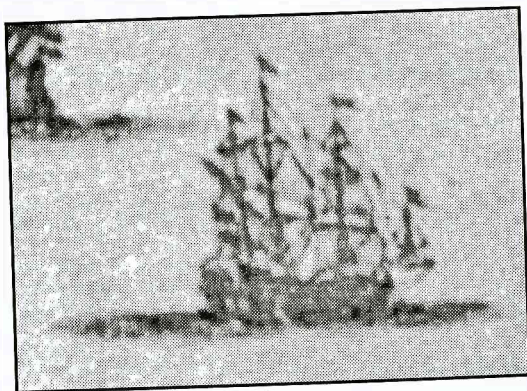
O mapa do gravador e editor Gerard Walk, datado de 1654 e publicado em Amsterdã, representando a América do Sul, como um

²¹ BARÃO do Rio Branco. Efemérides brasileiras 1946, p. 351.

planisfério de grandes dimensões, em projeção estereográfica equatorial e ricamente decorado, além de incluir uma ampla toponímia, grafou o topônimo “**Pta. da Pipa**”.



CONCLUSÃO



As terras da atual Praia da Pipa foram, inicialmente, conhecidas através das explorações realizadas antes de 1515. As primeiras notícias encontram-se na tabula intitulada “Alturas da costa do Brasil”, do livro de Marinharia, de João de Lisboa, como “**Aratapia**” e nas Cartas Geográficas dos Reinel, pai e filho, executadas em 1516, sob o topônimo “**Oratapipy**”, do Reinel, o pai, e “**Ora tapia**”, do Reinel, o filho, entre o primeiro e o segundo decênio do “descobrimento” oficial das terras do Brasil por Pedro Álvares Cabral.

Nos dois séculos, encontramos “Mapas”, “Cartas Geográficas” ou “Atlas” que assinalaram topônimos referentes à “Praia da Pipa”, desde João de Lisboa e os Reinel, até Johannes Vingboons, com os seus “Atlas”, datados entre 1640 e 1654, e Gerard Walk, no mapa de 1654.

Em resumo, apresentamos o quadro de alguns topônimos da Praia da Pipa, encontrados entre 1514 e 1654:

- 1514: “Aratapia” (Alturas da Costa do Brasil, de João de Lisboa)
- 1516: “Oratapipy” (Mapa de Reinel, pai, 1505 a 1515)
- 1516: “Aratapica” (Regimento de Évora)
- 1516: “Ora tapia” (Mapa de Reinel, filho, 1505 a 1515)
- 1519: “Oratapipy” (Mapa de Lopo Homem)
- 1534: “Oratapica” (Carta de Gaspar Viegas)
- 1542: “Oratapic” (Mapa de Jean Rotz)
- 1550: “Oratapica” (Mapa de Pierre Desceliers)
- 1558: “Oratapica” (Primeiro Mapa de Diogo Homem)
- 1558: “Orapi” (Segundo Mapa de Diogo Homem)
- 1569: “Ora” (Mapa de Gerardus Mercator ou Cremer)
- 1570: “Ora” (Mapa de Abraham Ortelz ou Ortelio, 1570)
- 1574: “Itacoatisara” (Mapa de Luís Teixeira)
- 1579: “Arapita” (Mapa de Jacques de Vauldeclaye)
- 1587: “Itacoatigara” e “Pipa” (“Roteiro” de Gabriel Soares de Sousa)
- 1592: “Ora” (Mapa de Theodoro de Bry)

- 1605: “Orataphica” (Mapa de W. Iansz Blaeuw)
 1605: “Tocoati” (Mapa de W. Iansz Blaeuw)
 1625: “Ponta da Pipa” (Mapa de Jodocus Hondius)
 1626: “Itacoatiara” (“Atlas” de João Teixeira Albernaz - 1)
 1627: “Itacoagara” (“Atlas” de Albernaz - 2)
 1631: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albernaz - 3)
 1631: “Itacoytiaca” (Mapa de Albernaz)
 1631: “Orothapica” (Mapa de Blaeuw)
 1634: “P. da Pipa” (Mapa de Arciszewesky)
 1635: “Pta. da Pipa” (Mapa de Nicolas Ianfz Visscher)
 1638: [...]. “Americae Pars Meridionalis”. (“Atlas Novus Sive Descriptio Geograpica Totius Orbis Terrarum”, de Gerardus Mercator e Jodocus Hondius).
 1640: “Ponta da Pipa” (“Atlas” de Vingboons, 1640 a 1654)
 1640: “Porto da Pipa” (Mapa de João Teixeira Albernaz)
 1641: “P. da Pipa” (“Nova Totius terrarum orbis geographica ac hydrographica tabula”, de Hondius e Jansson)
 1642: “Itacoatiara” (“Atlas” de Albernaz)
 1643: “Itacoatiara” (Carta “Marítima Brasiliae Universae”)
 1643: “Tapuya paraçoitapa ou Pta. da Pipa” (Mapa de Marcgraf)
 1643: “Ens. Itacoatiara” (Mapa de Marcgraf com desenhos de Frans Post)
 1654: “Pta. da Pipa” (Mapa de Gerard Walk).

No século XVI, nos deparamos com diversos topônimos, os quais tentamos classificar em três grupos: 1) “**Aratapia**”, “**Oratapipy**”, “**Ora tapia**”, “**Aratapica**”, “**Oratapica**”, “**Oratapic**”, “**Ora**”, “**Arapita**”; 2) “**Itacoatisara**”, “**Itacoatigara**”; 3) **Ponta da Pipa**.

No século XVII, apesar do grande número de repetições dos topônimos grafados no século anterior, tentamos classificá-los, apenas, em dois grupos: 1) “**Itacoatiara**”, “**Itacoagara**”, “**Itacoytiaca**”;

“Itacoatiaca” e “Enseada Itacoatiara”; 2) “Ponta da Pipa”, “P da Pipa”, “Pta. da Pipa”, “Pta. do Pippa”, “Porto da Pipa”, e “P. da Pipa”.

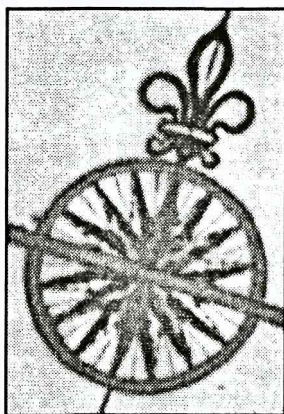
Como podemos perceber, ocorreram alterações constantes, tanto na ortografia, quanto na prosódia em todos os topônimos, devido a diversos fatores, principalmente às dificuldades encontradas nos primeiros contatos entre os indígenas e os vários cartógrafos de nacionalidades diferentes, como portugueses, franceses, espanhóis, holandeses, flamengos, etc.

Com referência ao topônimo “Oratapipy” e as suas alterações, não encontramos, ainda, claramente, o seu significado. O termo “Ora”, na língua Tupi, significa claridade, dia; a palavra “Ta”, Aldeia; mas quando constituem a palavra “Orata”, esta passa a significar “nome de homem”; e “tapia”, homem, irmão. Portanto, supomos que “Oratapipy” significava “Aldeia do Homem Branco”.

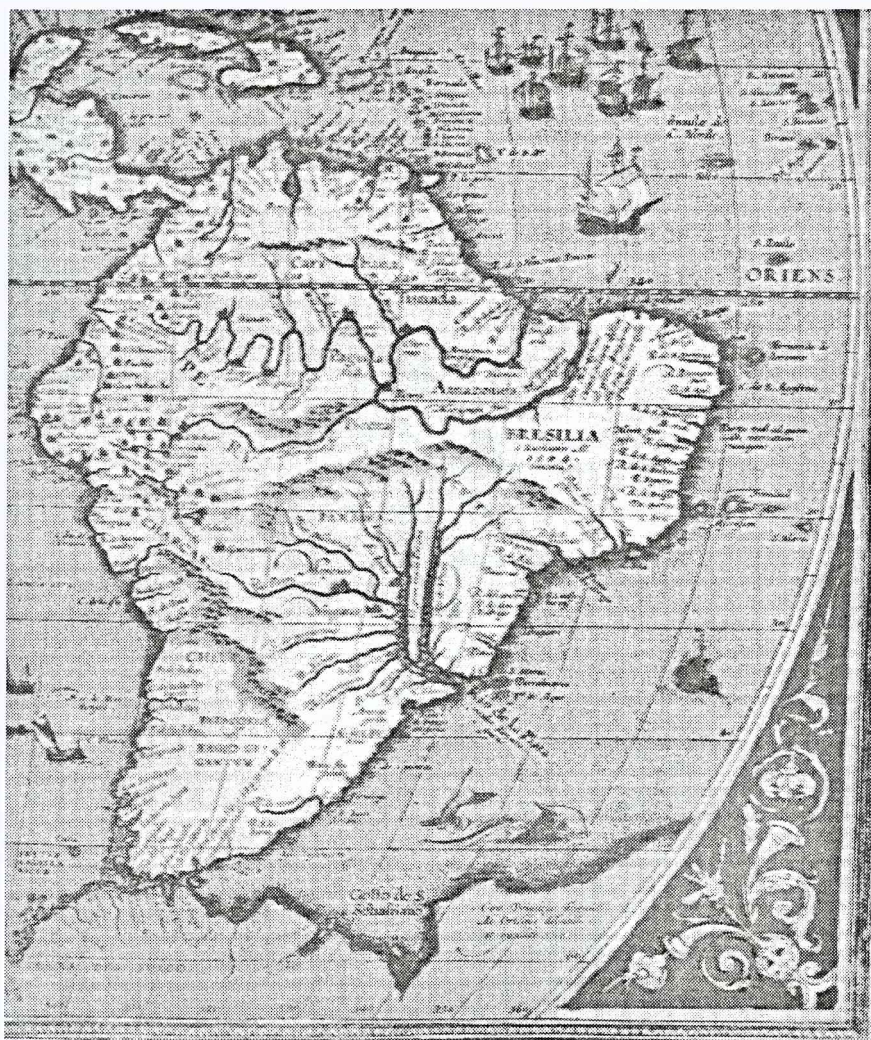
Os topônimos “Itacoatiara”, escrito nas mais diversas formas, aparecendo pela primeira vez no mapa de Luís Teixeira, em 1574, e o “Tapuya paraçoitapa”, datado de 1643, do mapa de Marcgraf, referem-se às duas pedras que se destacavam em toda a orla marítima da porção de terras da Praia da Pipa: a “Itacoatiara” e a “Itapuiparaceitaba”, atualmente, conhecidas como a “Pedra de São Sebastião” e a “Pedra do Moleque”, respectivamente.

A palavra “Itacoatiara”, de acordo com os seus constituintes: “ita” (pedra); “coa”, (cor amarelada); e “tiara” ou “ti” e “ara” (principal, grande, clara), embora sempre traduzida pelos estudiosos da língua Tupi como “pedra com inscrições rupestres”, na nossa concepção, e de acordo com os significados da língua, pode ser traduzida como “A Pedra mais bonita” ou “A Pedra Bonita” ou, ainda, “A principal Pedra de cor amarelada”; e “Itapuiparaceitaba”, em Marcgraf, Mapa de 1643, composta por cinco palavras: “Ita” (pedra), “Pui” (delgada, fina, em folhedos), “Para” (mar, oceano), “Ceí” (inclinada, inclinação), e “Taba” (Aldeia), através das junções, podemos concluir que “Itapuí” significa “a pedra delgada, fina, em folhedos”; “Itapuipará”, “a pedra delgada, fina, em folhedos, inclinada”;

“Itapuiparacei”, “a pedra delgada, fina, em folhedos, inclinada para o mar” e, “Itapuiparaceitaba”, “a Aldeia da pedra delgada, fina, em folhedos, inclinada para o mar”. E, finalmente, o topônimo “Pipa”, por ter a Pedra “Itacoatiara”, como afirma Gabriel Soares de Sousa: *“feição de pipa [...], a que o gentio por este respeito pôs este nome, que quer dizer ponta da Pipa”*.

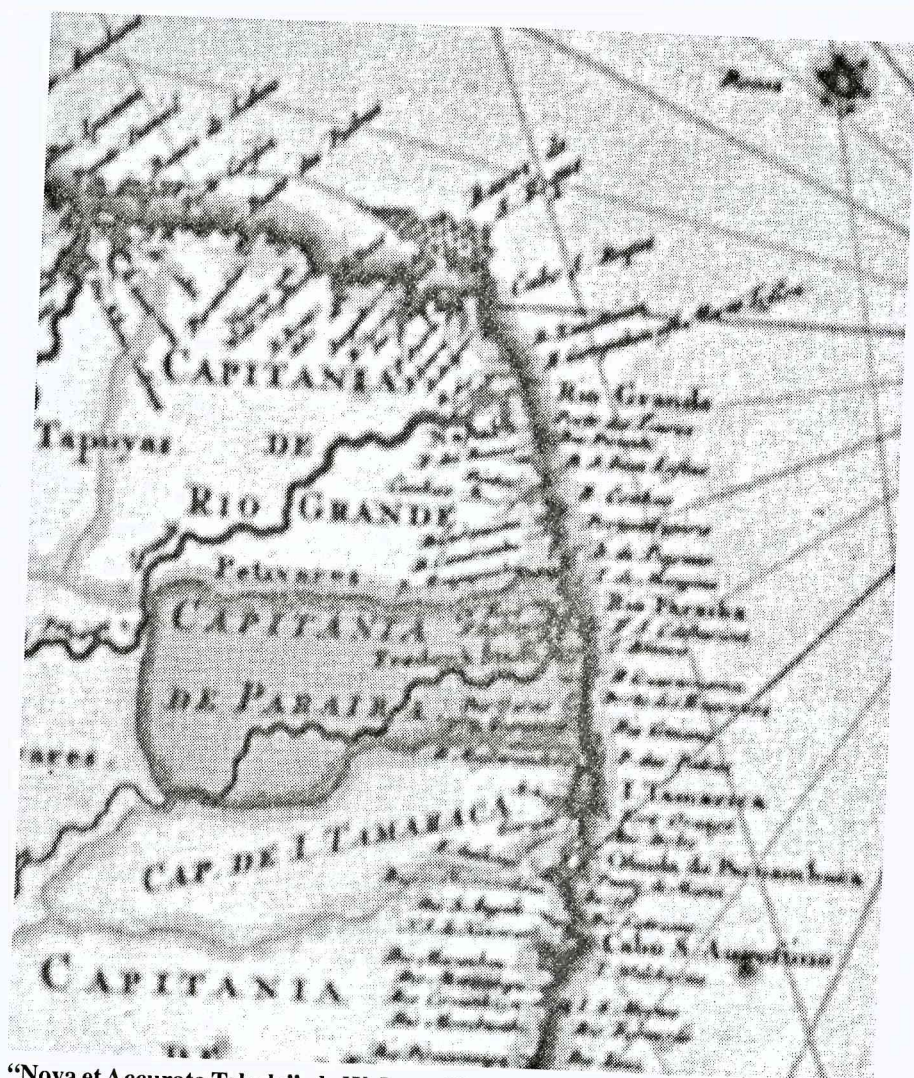


BIBLIOGRAFIA

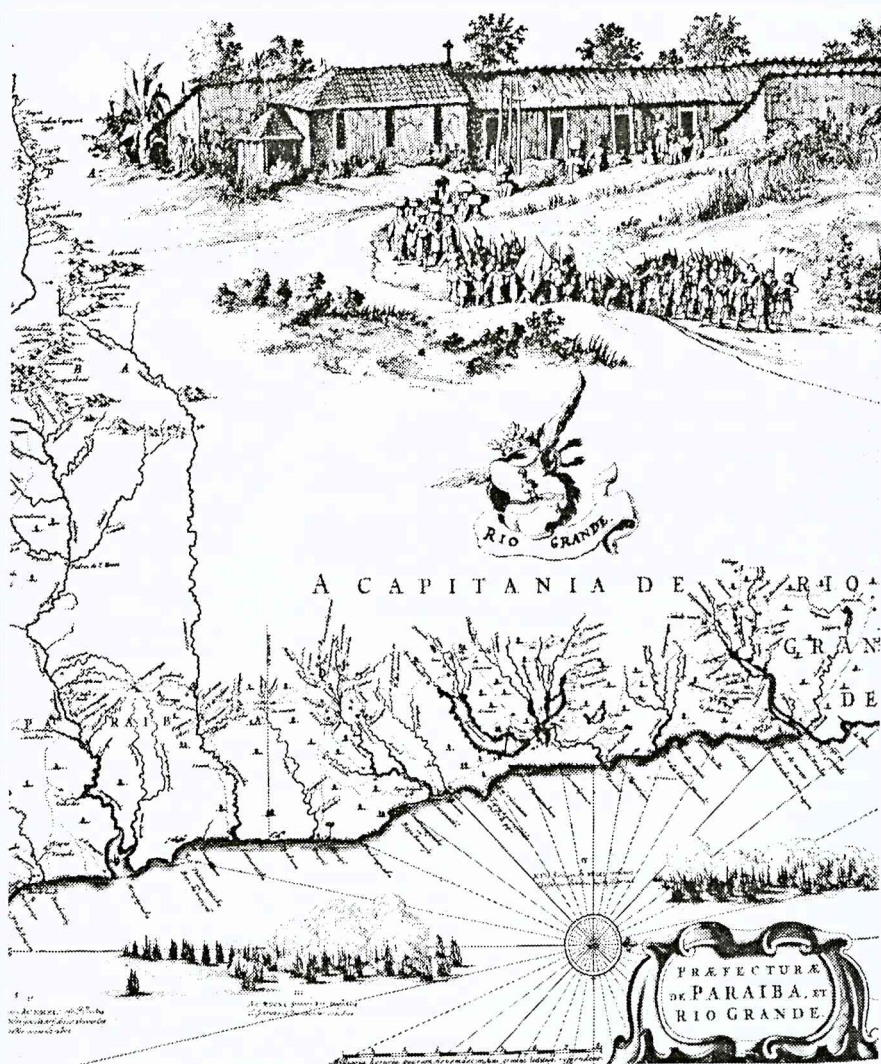


Americae Sive Novi Orbis, Nova Descriptio, de Abraham Ortelz ou Ortellio, 1570: "Ora".

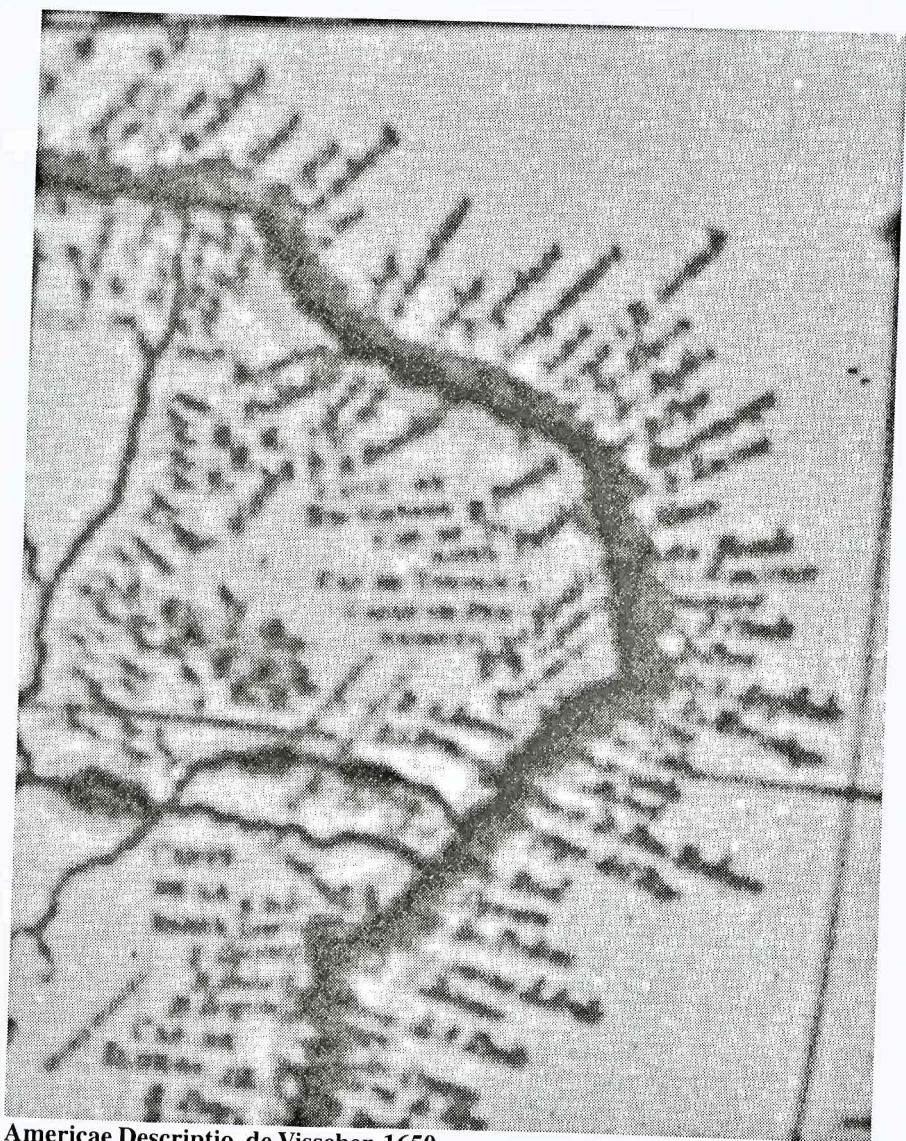
- ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. Os Guias Náuticos de Munique e Évora. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, 4. Secção de Coimbra.
- BARÃO do Rio Branco. Efemérides Brasileiras. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, MRE, 1946.
- CASTELO BRANCO, José Moreira Brandão. O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVI. Revista do IHGRN, XLV-XLVII, de 1948 a 1950. Natal: Galhardo, 1950.
- _____. O Rio Grande do Norte na Cartografia do século XVII. Revista do IHGRN, XLVIII-XLIX, de 1951 a 1952. Natal: Galhardo, 1952.
- CORTESÃO, Jaime. História do Brasil nos Velhos Mapas. Vol. II. Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1971.
- JOÃO de Lisboa. Livro de Marinharia. Edição coordenada por Jacinto Inácio de Brito Rebelo. Lisboa: [...], 1903.
- MEDEIROS, Tarcísio. Proto-História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Presença; Natal: Fundação José Augusto, 1985.
- NAVARRETE, M. Fernández de. Viajes de Américo Vespúcio. Madrid: Espasa Calpe, 1999. Viajes clásicos, 10.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Proto-História Cearense, 2ª edição, 1980.
- SOUSA, Gabriel Soares de. Notícia do Brasil. Comentários e notas de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss. São Paulo: [DAC/MEC], 1974.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de [Visconde de Porto Seguro]. História Geral do Brasil antes da sua separação e Independência de Portugal, I. 9ª edição. [8ª edição integral]. São Paulo: Melhoramentos; INL/MEC, 1975.
- _____. 8ª edição integral. Tomo II. São Paulo: Melhoramentos; INL/MEC, 1975.



“Nova et Accurata Tabula”, de W. Jansz Blaeuw, 1605: “Orataphica”.



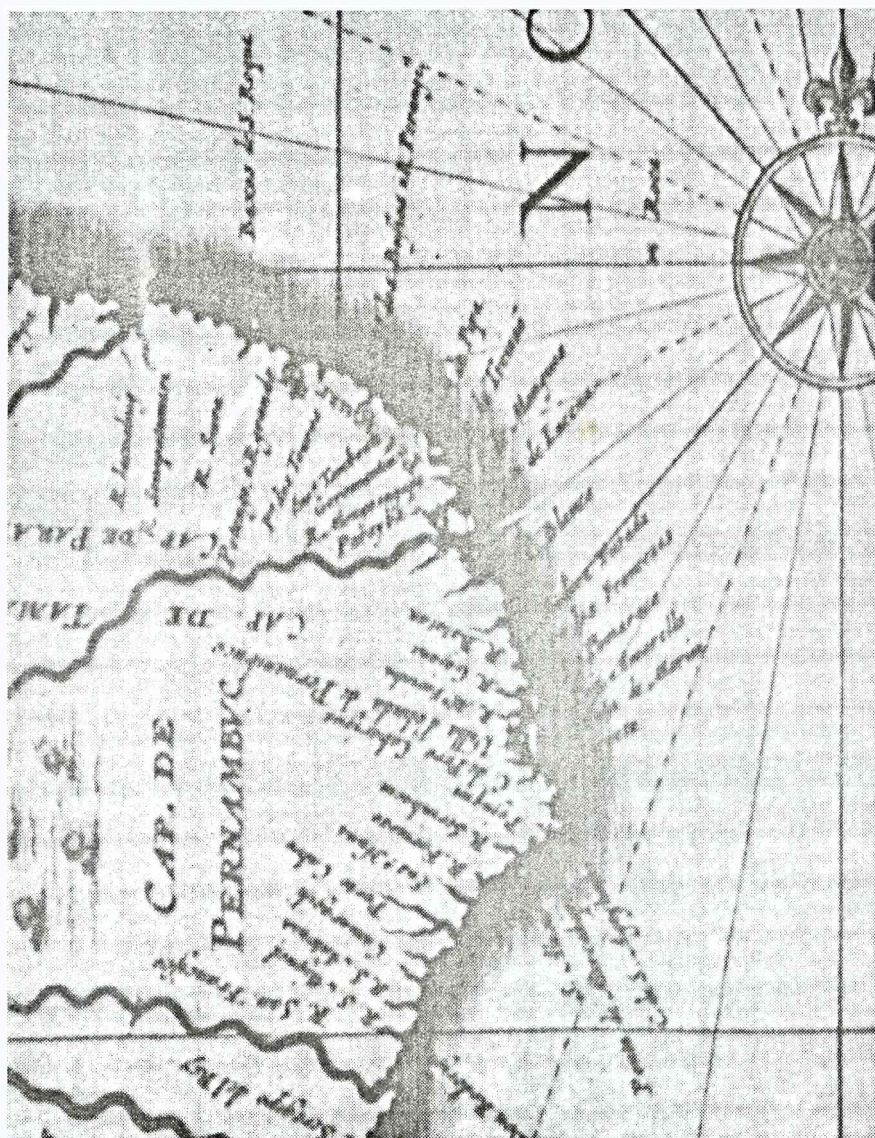
“Praefecturae de Paraíba, et Rio Grande”, de autor desconhecido com ilustrações de Frans Post, 1643: “Tapuya paraçoitapa ou Pta. da Pipa” e “Ens. Itacoatiara”.



Americae Descriptio, de Visscher, 1650.



“Americae Pars Meridionalis”, de Gerardus Mercator e Jodocus Hondius de 1638. Atlas Novus Sive Descriptio Geograpica Totius Orbis Terrarum).



“Novus Brasiliae Typus”, de Jodocus Hondius, 1625: “Ponta da Pipa”.

Coleção “Praia da Pipa”

Memória Viva:

- 1 - Leopoldina Marinho da Costa - Passos da Minha Vida
- 2 - Maria Segunda Marinho - Minhas Oitenta Primaveras

Literatura:

- 1 - Antônio José Marinho - Poesias
- 2 - Francisco Fernandes Marinho - “Literatura” da Praia da Pipa

Cartografia:

- 1 - Francisco Fernandes Marinho - A Praia da Pipa na Cartografia dos Séculos XVI e XVII

Música:

- 1 - Francisco Fernandes Marinho:

- a) Hino “Praia da Pipa”
- b) Zé, o Mar e as Baleias (4 vozes)

